



***FILHAS DE EVA, SERVAS DO DIABO:
DIÁLOGOS ENTRE CINEMA E CRRÍCULO CULTURAL NÃO-ESCOLAR
EM UMA ANÁLISE DO FILME “A BRUXA”***

***HIJAS DE EVA, SIERVAS DEL DIABLO:
DIÁLOGOS ENTRE EL CINE Y EL CURRÍCULO CULTURAL NO
ESCOLAR EN UNA ANÁLISIS DE LA PELÍCULA “LA BRUJA”***

***DAUGHTERS OF EVE, SERVANTS OF THE DEVIL:
DIALOGUES BETWEEN CINEMA AND NON-SCHOOL CULTURAL
CURRICULUM IN AN ANALYSIS OF THE FILM “THE WITCH”***

Mariana de Mello Rodrigues²

Luciana Kornatzki³

Fabiani Figueiredo Caseira⁴

RESUMO A pesquisa objetiva analisar a construção de significados sobre a mulher-bruxa na interface com elementos de gênero e sexualidade, a partir da personagem principal do filme “The Witch” (“A Bruxa”, 2015), refletindo sobre as aproximações dessas características com a História das mulheres em aspectos como a diabolização do feminino. Entende-se o filme como artefato cultural que possui modos de endereçamento que contribuem para a produção de normas de gênero e sexualidade. Tendo como objeto de análise tal filme, algumas cenas foram selecionadas atentando para os diálogos entre os/as personagens. As análises foram divididas em três categorias: A desconfiança: mulher versus mulher; O corpo e a sexualidade e A entrega ao mal. Tais categorias possibilitam refletir sobre a produção de significados acerca da mulher-bruxa a partir de

² Especializada em Educação para a Sexualidade: dos currículos escolares aos espaços formativos. Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, Rio Grande do Sul, Brasil.

³ Doutora em Educação em Ciências pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Secretaria de Estado da Educação de Santa Catarina, Joinville, Santa Catarina, Brasil.

⁴ Doutora em Educação em Ciências pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, Rio Grande do Sul, Brasil.

estratégias discursivas articuladas à constituição de formas de ser mulher, permeadas por estratégias de violência, culpabilização e vigilância, algo que atravessa a História.

PALAVRAS-CHAVE: Cinema. Mulher. Bruxas. Currículo Cultural Não-Escolar.

RESUMEN La investigación tiene como objetivo analizar la construcción de significados sobre la mujer-bruja, en relación con elementos de género y sexualidad, a partir del personaje principal de la película "The Witch" ("La Bruja", 2015), reflexionando sobre las aproximaciones de estas características con la Historia de las mujeres en aspectos como la diabolización de lo femenino. Se entiende la película como un artefacto cultural que posee modos de representación que contribuyen a la producción de normas de género y sexualidad. Tomando como objeto de análisis dicha película, se seleccionaron algunas escenas prestando atención a los diálogos entre los personajes. Los análisis se dividieron en tres categorías: La desconfianza: mujer versus mujer; El cuerpo y la sexualidad; y la entrega al mal. Estas categorías permiten reflexionar sobre la producción de significados acerca de la mujer y la bruja, a partir de estrategias discursivas articuladas a la constitución de formas de ser mujer, permeadas por estrategias de violencia, culpabilización y vigilancia, algo que atraviesa la Historia.

PALABRAS-CLAVE: Cine. Mujer. Brujas. Currículo Cultural No Escolar.

ABSTRACT This study aims to analyze the construction of meanings surrounding the witch-woman, intersecting with elements of gender and sexuality, through the main character of the film "The Witch" (2015). It reflects on how these traits align with women's history, particularly regarding the demonization of femininity. The film is understood as a cultural artifact that employs modes of address which contribute to the production of gender and sexual norms. Using the film as the primary object of analysis, key scenes were selected, focusing on dialogues between characters. The analysis is divided into three categories: Distrust: woman vs. woman; the body and the sexuality and the pact with evil. These categories allow for a deeper reflection on the production of meanings about women and witches, shaped by discursive strategies tied to constructions of womanhood permeated by violence, blame, and surveillance, themes that persist throughout history.

KEYWORDS: Cinema. Woman. Witches. Non-school Cultural Curriculum.

Logo, se poucas mulheres aparecem na narrativa histórica normativa como agentes, o que isso quer dizer? Será que essas mulheres não existiram ou será que foram impedidas por algum motivo? Será que foram deliberadamente apagadas? Por que não observar outras narrativas criadas pela humanidade? [...] Por que não contar outras histórias? Resgatar e recontar não só a história das mulheres, mas a dos “outros” é nosso dever geracional.

Julia Myara

Introdução

A figura da feiticeira, da bruxa, da mulher perigosa, dissimulada e poderosa povoa o imaginário e as criações humanas há muitos e muitos séculos. Discursos normatizadores e até mesmo antifemininos colocaram as mulheres às margens da História⁵ e como portadoras do grande mal, sendo condenadas por associação a práticas demoníacas, ao conhecimento de ervas e feitiços, ao domínio de seus próprios corpos e sexualidades, entre outros aspectos. O estereótipo da mulher-bruxa atravessou gerações e encontrou um lugar para si dentro de produtos midiáticos muito populares a partir do século XIX: as obras cinematográficas.

O nascimento do cinema ocorreu no ano de 1895, pelas mentes e mãos dos irmãos franceses Louis e Auguste Lumière (Rossato, 2019). “Sortie de L’usine Lumière à Lyon”, traduzido como “Funcionários deixando a Fábrica Lumière”, foi a primeira obra projetada na história do cinema, caracterizando-se como um curta-metragem de 45 segundos de duração (Rossato, 2019). A criação e o desenvolvimento do cinema mudaram para sempre os rumos da arte e também do imaginário humano, com destaque especial dentro deste trabalho para os modos de produzir discursos sobre as mulheres.

O início do gênero de terror no cinema ocorreu no ano seguinte, em 1896, quando o ilusionista e vindouro cineasta francês George Meliès criou “Le manoir du diable” (“O solar do Diabo”), um curta-metragem de 2 minutos de duração. Portanto, esse gênero tem sua emergência com o próprio nascimento do cinema enquanto linguagem audiovisual e este fato demonstra sua relevância para o trabalho aqui desenvolvido, pois o filme analisado, “The Witch” (“A Bruxa”, 2015), é caracterizado como uma obra de terror.

Dessa forma, tomamos como objeto de análise neste trabalho o filme “The Witch” (“A Bruxa”, 2015), tensionando os significados sobre o feminino elencados à figura da bruxa neste artefato cultural. O principal objetivo deste trabalho consiste em analisar a construção de significados sobre a mulher-bruxa, na interface com elementos de gênero e sexualidade, a partir da personagem principal do filme “The Witch” (“A Bruxa”, 2015), refletindo sobre as aproximações de tais características com a História das mulheres em aspectos como a diabolização do feminino.

⁵ O termo “História” é grafado aqui com a letra maiúscula no começo da palavra por tratar-se de uma referência à ciência histórica.

A presente pesquisa encontra sua justificativa e relevância no fato de possibilitar a reflexão acerca de nosso próprio tempo através do exercício de análise do artefato cultural filmico “*The Witch*” (“A Bruxa”, 2015), buscando a compreensão dos processos de culpabilização das mulheres na sociedade, considerando que estamos e, historicamente, estivemos sob a agência de vários estigmas e preconceitos, avanços e retrocessos.

A diabolização do feminino na História – entre as camadas sociais e as telas dos cinemas

As ideias e os discursos de inferiorização do feminino acompanham a espécie humana desde a Antiguidade⁶. Aristóteles, célebre filósofo e polímata grego, já defendia a ideia de superioridade e de dominação do macho sobre a fêmea, descrita como fria, não dotada de intelectualidade, fraca, perversa, dentre outras características depreciativas (Lopes, 2010).

Essas características atribuídas às mulheres não ficam restritas a determinado período histórico, sendo maleáveis aos imaginários e discursos vigentes de cada época. Durante a Idade Média⁷, momento de grande ascensão e de exercício de poder da Igreja Católica, as sagradas escrituras e o episódio do pecado original demarcavam o pensamento e as formas de ação da ordem cristã (Barros, 2024).

Princípios de cunho pejorativo foram associados às mulheres através destas narrativas e declarações, culminando na disseminação de uma “[...] imagem negativa e capacidade natural de causar mal, localizando-a em uma batalha espiritual como inimiga de Deus” (Barros, 2024, p. 224).

A partir do século XIV, na Europa, houve o fortalecimento desse discurso, culminando na publicação do “*Malleus Maleficarum*”, também conhecido como “Martelo das Feiticeiras”, escrito por dois monges dominicanos, o francês Heinrich Kramer e o sueco Jacobus Sprenger, e amplamente utilizado como uma espécie de manual de orientação durante os movimentos de perseguição e de caça às bruxas promovidos pela Igreja Católica.

⁶ Período histórico cujo início é demarcado pelo advento da escrita, por volta do ano 4.000 a.C., e o final é datado pela queda do Império Romano em 476 d.C.

⁷ Período histórico que contempla os anos entre 476 d.C e 1453 d.C. Seu fim é demarcado temporalmente pela conquista de Constantinopla pelo Império Otomano.

Sendo um “manual minucioso de execução de modos de confissão, penas de tortura e morte, especialmente de mulheres acusadas de bruxaria, pactos com o diabo e heresias” (Melo; Ribeiro, 2021 p.27), esta obra, durante séculos, sancionou fundamentos teológicos e jurídicos que perseguiram e executaram incontáveis mulheres na foqueira. A partir disso, “questões de todas as ordens ganharam atribuições de sortilégio durante muito tempo na história ocidental. Desde bruscas alterações meteorológicas até a morte inexplicável de animais e crianças” (Melo; Ribeiro, 2021 p. 27).

Esse momento histórico conhecido como “caça às bruxas” foi um período focado nas mulheres, em suas relações e comportamentos. Tal momento reverbera ao longo da História de diferentes formas, moldando e constituindo a representação feminina.

A autora Ana Maria Colling, em seu livro “Tempos diferentes, discursos iguais: A construção do corpo feminino na História” (2014) nos oferece um vasto panorama historiográfico, abarcando de forma criteriosa e com muitos exemplos as produções de discursos e representações que foram atribuídas à figura feminina ao longo da História da humanidade. Através de sua pesquisa, a autora torna possível entender os discursos que moldam e encaixam as mulheres em determinados espaços, formas de vida, de expressão, de sexualidade, como o estereótipo de mulher-bruxa.

Segundo Colling (2014), durante a Idade Média, principalmente a Igreja Católica, grande representante do discurso religioso, percebia a mulher através de dois vieses opostos: existia a mulher pura, casta, frágil e submissa e também a mulher devassa, feiticeira, perigosa e responsável pela condenação da humanidade. Não à toa, milhares de mulheres padeceram nas mãos da Inquisição por demonstrarem opiniões contrárias às ideologias da época ou conhecimento sobre o corpo e sobre ervas medicinais; essas eram as tão temidas bruxas, as heréticas, as pagãs, as que mereciam punição.

Adentrando o espaço das produções culturais, o estereótipo da figura das bruxas, mulheres ligadas às artes do mal, ao sentimento de inveja, a conjuração de maldições, ao sacrifício de jovens belas, ingênuas, donzelas e bondosas repercute em diferentes gêneros da produção cinematográfica, conforme discutido por Gabriela Larocca (2021) em sua tese de doutorado, intitulada “*Do Malleus Maleficarum ao Cinema de Horror: A tradição do mal feminino e da mulher-bruxa em filmes da década de 1960*”. Para a autora,

Desde os seus primórdios, o cinema incorporou as bruxas como objeto visual de consumo e de entretenimento não apenas no horror, mas em seus mais variados gêneros, como filmes infantis e romances. Nossa imaginário é povoado por imagens cinematográficas dessas criaturas,

seja em clássicos estadunidenses como ‘O Mágico de Oz’ (Victor Fleming, 1939) ou filmes infantis como ‘A Branca de Neve e os Sete Anões’ (David Hand, 1937) e ‘Abracadabra’ (Kenny Ortega, 1993). Longe de estarem enclausuradas em um passado distante e ‘finalizado’, as bruxas estão presentes na contemporaneidade, habitando nossa cultura visual e literária (Larocca, 2021, p. 22).

A Bruxa Má do Oeste (figura 1), antagonista do clássico filme de Victor Fleming, “The Wizard of Oz” (“O Mágico de Oz”, 1939), a madrasta (figura 2) de “Snow White and the Seven Dwarfs” (“Branca de Neve e os Sete Anões”, 1937) e as irmãs Sarah, Winifred e Mary Sanderson (figura 3), personagens de “Hocus Pocus” (“Abracadabra”, 1993) são personagens de diferentes obras cinematográficas, produzidas em momentos distintos, mas que carregam em si alguns dos elementos responsáveis pela caracterização das mulheres-bruxas no cinema: a ideia de uma mulher mais velha cujas ações são movidas por um profundo sentimento ruim em relação à jovem e indefesa personagem principal; expressões faciais marcantes e, por vezes, caricatas; seus chapéus pontiagudos, suas vassouras, seu nariz adunco, suas vestes de cores escuras. Não por acaso, o figurino utiliza essa ferramenta da cor para auxiliar na construção dos significados da bruxa relacionada ao mal em detrimento da princesa que utiliza tons claros, reforçando sua comum associação ao bem.

FIGURA 1: A Bruxa Má do Oeste em “O Mágico de Oz” (1939)



Fonte: YouTube, 2023.

FIGURA 2: A madrasta de “A Branca de Neve e os Sete Anões” (1937)



Fonte: Miscelana, 2021.

FIGURA 3: As irmãs Sarah, Winifred e Mary Sanderson de “Abracadabra” (1993)



Fonte: Estadão, 2020.

Larocca (2021) atenta para um interessante ponto, reforçando a ideia de que as bruxas cinematográficas também fazem parte de filmes infantis, por exemplo. Neste campo, é possível citar as personagens maldosas e vingativas dos Contos de Fadas, inspiradas nos contos clássicos da literatura infantil, à espreita para ludibriar e apossar-se de características das donzelas e/ou princesas indefesas que cruzassem o seu caminho. É possível citar a Rainha Má, madrasta de Branca de Neve, e Mamãe Gothel, mulher-bruxa que sequestra Rapunzel, como exemplos de bruxas cinematográficas que adentram o universo dos filmes destinados ao público infantil.

As obras cinematográficas e as demais produções culturais humanas são dotadas de intencionalidades desde a sua concepção até a sua interpretação pelo público, de modo

que, interessava-se por alguma razão que as mulheres fossem representadas em determinadas produções como seres perversos e lascivos, muitas vezes conectadas a práticas de bruxaria e a forças do mal.

Julia Myara (2024) aborda em seu livro “Deusas, bruxas e feiticeiras: Histórias de quando deus era mulher” a ideia de que o mal percebido como intrínseco às mulheres remonta tempos históricos muito anteriores ao nosso e vem acompanhada de uma série de estereótipos. Para a autora, a figura da sábia anciã está presente em diferentes narrativas ao longo da História, em momentos associada ao bem, à sabedoria e à justiça, mas em outros associada à usura, ao mal, à cobiça e à feiura. De todo modo, encontramos ao longo da História diferentes versões da sabedoria ancestral do feminino, a sábia curandeira, a rainha que guia, a avó amorosa, assim como a bruxa horrenda, solitária e sem filhos/as que se esconde na floresta.

A respeito da forma como o feminino é significado e entendido em diferentes instâncias e como estas são potentes para a constituição sobre a representação das mulheres, é possível acionar o conceito de modos de endereçamento. A autora Elizabeth Ellsworth (2001) mobiliza o conceito de modos de endereçamento para auxiliar no entendimento de como tais obras são pensadas e ofertadas ao público. Os modos de endereçamento adentram as nossas formas de vida e ditam, às vezes de maneira sutil, em outras vezes de maneira mais explícita, algumas tendências e padrões de comportamento social que passamos a reproduzir, sem ao menos procurar entender de onde vêm e porquê passamos a nos identificar ou reproduzir esses discursos. Segundo a autora, o “endereçamento ocorre num espaço que é social, psíquico, ou ambos, entre o texto do filme e os usos que o espectador faz dele” (Ellsworth, 2001, p. 13).

Com esse entendimento em mãos, podemos identificar alguns tipos de ações que as produções culturais geram sobre os espectadores, como por exemplo, concepções de como uma mulher-bruxa se comporta e como é vista socialmente, como as mulheres que não gostariam de serem confundidas com esse estereótipo deveriam se comportar, os perigos de desviar das normas e do controle social, tornando-se uma mulher repudiada pela sociedade etc. O cinema pode agir, ainda, como uma espécie de aviso, como uma luz vermelha de atenção ao que deve ou não ser seguido para que a mulher seja considerada boa, imaculada e obediente.

Dentro desses aspectos, entram também as discussões sobre gênero e sexualidade presentes nessas emblemáticas personagens. Além de a feitiçaria ser comumente associada à figura feminina no decorrer dos séculos, muitos filmes abordam a sexualidade

dessas mulheres, associando-a à sua degradação social ou até mesmo à sua relação com seres malignos.

A Igreja Católica, como instituição de grande relevância histórica, contribuiu para que o imaginário acerca das mulheres-bruxas criasse raízes sociais, através de um discurso que as colocava como filhas de Eva, mas também como servas do Diabo. Segundo Larocca (2021),

A figura da mulher-bruxa que realizava pactos diabólicos, participava de reuniões noturnas e lançava malefícios, despontou ao final do século XIV, consolidando-se no XV e impulsionando as perseguições dos séculos XVI e XVII (p. 98).

Essa concepção da mulher-bruxa que participa de reuniões noturnas, faz pactos diabólicos e conjura malefícios foi sendo edificada ao longo dos séculos. Tal associação não ocorreu, portanto, de imediato, mas estava atrelada a um discurso que passou a ser produzido e reiterado pela Igreja Católica, constituindo sentidos e significados sobre as mulheres. Para que se possa aprimorar a compreensão dessa produção da figura da mulher-bruxa é preciso, no entanto, olhar para o contexto cultural da época, localizando elementos que favoreçam esse discurso.

Nessa direção, de acordo com Barros (2024),

[...] Considera-se a cultura não apenas como reflexo de forças estruturais da sociedade, mas um sistema de significados mediadores entre as estruturas sociais e as ações e interações humanas em que os sentidos atribuídos às experiências são escritos pelo próprio homem. Ressalta-se, dessa forma, que foi no contexto cultural em que se encontrava a Europa nos fins da Idade Média e passagem para a modernidade que os discursos encontraram eco e atribuíram sentido aos temas circunspectos ao feminino, ratificando definitivamente a relação da mulher com o diabo (p. 221).

A diabolização⁸ das mulheres foi fortalecida paulatinamente através da defesa de uma ideia de disparidade entre os gêneros masculino e feminino, ancorada tanto nas sagradas escrituras do catolicismo, quanto nas noções de diferenças biológicas entre os dois sexos. A intrínseca relação entre o feminino e a maldade ocorria, também, pela associação das mulheres à maternidade, à menstruação, ao conhecimento de seu corpo,

⁸ O termo “demonização” pode ser utilizado como seu sinônimo.

ao prazer sexual visto como perverso, à ideia de que a mulher era um homem incompleto, entre outros exemplos.

Tais discursos eram provenientes e ganhavam força através do poder exercido por autoridades religiosas e médicas, contribuindo sobremaneira para a “[...] construção simbólico-discursiva como elemento distintivo que relaciona a mulher com o mal, perpetuando a misoginia culturalmente até os dias atuais” (Barros, 2024, p. 220).

Complementando a ideia de que esses discursos marginalizavam as mulheres dentro de uma sociedade predominantemente patriarcal, Larocca (2021) atenta para as dimensões de poder presentes em tais práticas:

É fundamental refletirmos que enquanto o feminino era repetidamente associado ao Mal e encarnava a bruxa, a formulação e perpetuação desses discursos, sejam eles visuais ou verbais, assim como o engajamento no debate letrado sobre a punição do crime da bruxaria, eram prerrogativas essencialmente masculinas. Essa é uma dimensão de poder do gênero que não pode ser subestimada (p. 100).

Compreendendo o fato de que estes discursos assumiram diferentes formas de expressão e propagação ao longo dos séculos, é possível analisar obras cinematográficas que abordam tal temática, levando em consideração o contexto histórico representado em determinado filme.

O cinema, com seus modos de endereçamento, discursos e produções de verdades sobre gêneros e sexualidades, constitui-se como uma pedagogia cultural muito presente no cotidiano humano desde a sua criação, ainda no século XIX. Segundo Wânia Fernandes e Vera Helena Siqueira (2010),

[...] O cinema pode ser entendido como um produto cultural gerador de significados e entendimentos sobre o que é ou não aceitável em relação aos comportamentos e papéis que o indivíduo assume na sociedade. Tendo essas questões em vista, podemos afirmar que essa “pedagogia” tem regulado de forma importante questões referentes à classe social, etnia, gênero e sexualidade (p. 102).

A sétima arte⁹ e a análise das representações por ela apresentadas e repercutidas mostram-se como profícuos objetos dentro do escopo teórico dos Estudos Culturais. De acordo com Escosteguy (2008), os Estudos Culturais caracterizam-se não como uma disciplina, mas como uma área ampla que, ao interseccionalizar diversos campos do saber e conceitos, visa o estudo de diferentes aspectos culturais das sociedades que compõem seus objetos de estudo.

Além disso, também é possível tecer análises de discursos filmicos interpretando-os como parte da concepção de currículo cultural não escolar. Danilo de Oliveira e Rita de Cássia Frangella (2022) apresentam a seguinte definição para este conceito:

Mesmo sendo nomeados como currículos culturais não escolares – acento que marca a produção curricular que se move para além dos limites da/na escola –, eles podem trazer implicações importantes para a produção curricular que se volta para o ambiente escolar, borrrando o confinamento de uma suposta fronteira delimitadora do que é próprio ou não da escola, movendo o currículo para uma produção intersocial que, ao mesmo tempo, desestabiliza binarismos e impele a um movimento para além, não como superação, mas deslocamento (p. 7)

O consumo de artefatos culturais, mais especificamente do cinema no que diz respeito ao escopo desta pesquisa, atua como um propagador de discursos socialmente produzidos e que pretendem vender uma determinada ideia ao/à espectador/a. Assim sendo, entendendo os filmes como produções culturais dotadas de intencionalidades e imersas em discursos que não existem de forma despretensiosa ou isolada, compreendemos a relevância do trabalho de análise dos significados que tais obras produzem.

Olhar para os artefatos culturais e pensar no cinema como uma estratégia discursiva através da qual o gênero é construído e operado nos possibilita refletir sobre a construção de sentidos sobre ser mulher-bruxa na protagonista do filme “*The Witch*” (“A Bruxa”, 2015) e sobre as aproximações de tais características com a História das mulheres em aspectos como a diabolização do feminino.

⁹ Termo cunhado por Ricciotto Canudo, em seu “Manifesto das Sete Artes” publicado em 1923 para referir-se ao cinema como a união de outras formas de arte através de seus elementos narrativos, visuais, auditivos e de performance.

Isto posto, no próximo subtópico temos como proposta apresentar o nosso objeto de análise, evidenciando como ele foi estruturado e organizado, para que possamos posteriormente tecer nossas análises.

“The VVitch: A New-England Folktale”

O filme “A Bruxa”, do original “*The VVitch: A New-England Folktale*”¹⁰ foi lançado no ano de 2015. Com o subtítulo “*A New-England Folktale*”, traduzido como “um conto popular da Nova Inglaterra”, o filme em questão se apresenta como uma narrativa folclórica que aborda um contexto específico, com pensamentos e comportamentos reproduzidos em sua época.

FIGURA 4: Pôster de divulgação do filme “A Bruxa” (2015)



Fonte: Adoro Cinema, 2024.

“A Bruxa” (2015) foi o primeiro longa-metragem escrito e dirigido pelo realizador estadunidense Robert Eggers, que posteriormente viria a ser conhecido também como diretor dos filmes “*The Lighthouse*” (“O Farol”, 2019), “*The Northman*” (“O homem do Norte”, 2022) e “*Nosferatu*” (“Nosferatu”, 2024).

Para a realização de “A Bruxa”, Eggers dedicou-se a uma densa pesquisa histórica e historiográfica ao lado de profissionais da área, buscando aprofundar-se em algumas

¹⁰ “*The VVitch: A New-England Folktale*” foi estilizado com a grafia de duas letras “V” em vez de um “W” para respeitar a forma de escrita do idioma inglês antigo.

das questões que ganham as telas em sua obra, como os aspectos da língua inglesa antiga, do figurino e do contexto histórico. De acordo com Larocca (2019. p. 99),

Segundo o diretor, foi realizada uma extensa investigação e consultados especialistas em história colonial dos Estados Unidos. Além disso, a equipe trabalhou em parceria com museus britânicos e estadunidenses, especialistas em agricultura, vestuário e linguagem do século XVII. [...] Ao longo do enredo é possível visualizar uma alusão aos tratados de bruxaria produzidos na Idade Moderna, assim como a referência a contos de fadas, confissões de bruxaria e outros documentos similares.

Em “A Bruxa” (2015), acompanhamos a história de uma família composta pelo pai, William (Ralph Ineson); pela mãe, Katherine (Kate Dickie); pela filha mais velha, Thomasin (Anya Taylor-Joy); pelo filho mais velho, Caleb (Harvey Scrimshaw); pelos irmãos gêmeos fraternos Marcy (Ellie Grainger) e Jonas (Lucas Dawson); e pelo bebê recém-nascido, Samuel, que nasce durante o primeiro ato do filme.

Como o próprio nome da obra cinematográfica revela, tal narrativa tem como pano de fundo a região da Nova Inglaterra, Estados Unidos da América, no século XVII, e para os fins desta pesquisa, nossas análises tiveram como foco a personagem Thomasin, acusada ao longo do filme, em diferentes ocasiões e por diversos motivos, de ser uma bruxa.

O filme foi assistido em seu idioma original, o inglês, e para uma maior acurácia, a mídia física do filme foi adquirida como forma de acessar a legenda oficial, uma vez que o idioma falado no filme traz algumas palavras e expressões que não são mais utilizadas no idioma inglês dos dias atuais.

Antes de decidir que “A Bruxa” (2015) seria o objeto de análise desta pesquisa, eu¹¹ já havia assistido ao filme uma vez, como espectadora. No entanto, acredito que, quando uma temática de pesquisa nos constitui, ela também nos atravessa em tudo que assistimos, lemos e presenciamos. Dessa forma, ao tomar as primeiras decisões sobre este trabalho, escolhi esta obra e passei a revisitá-la com meu olhar atento e indagador de pesquisadora.

Deste modo, foram feitas análises de cenas selecionadas na obra, atentando para os diálogos entre os/as personagens presentes na cena.

¹¹ A primeira pessoa será utilizada quando se referir ao movimento de pesquisa realizado pela primeira autora deste trabalho. Já a terceira pessoa será utilizada quando se referir ao movimento realizado pelo conjunto das autoras.

“Se há de ser heresia sustentar que as bruxas existem”¹²

As análises aqui realizadas buscam identificar elementos relativos à construção e ao significado do ser uma mulher-bruxa na figura da personagem principal do filme “A Bruxa” (2015), Thomasin. Atentando à intersecção entre essa temática e elementos dos campos do gênero e da sexualidade, refletimos sobre as aproximações dessas características com elementos da História das mulheres e também com aspectos relativos à diabolização da figura feminina.

Para fins de sistematização e organização das análises, subdividimos as mesmas em três categorias, sendo elas: A desconfiança ou mulher *versus* mulher; O corpo e a sexualidade; e A entrega ao mal. Assim, com as categorias de análise elencadas e sob a perspectiva dos Estudos Culturais, buscaremos provocar tensionamentos nas verdades que vem sendo (re)produzidas sobre as mulheres e a bruxaria no filme “A Bruxa” (2015).

A desconfiança ou mulher *versus* mulher

A narrativa do filme “A Bruxa” (2015) tem início com a família de Thomasin sendo expulsa da região em que morava devido às acaloradas discussões e discordâncias entre o chefe da família, William, e outros membros da comunidade acerca da interpretação do Novo Testamento segundo o puritanismo.

Desta forma, a família de Thomasin busca estabelecer-se em um novo espaço. Seu novo lar tratava-se de uma localidade isolada, às margens de uma densa floresta e não demora muito para que a família comece a ser assombrada por estranhos acontecimentos, a começar pelo desaparecimento do filho caçula, o bebê recém-nascido, Samuel. Thomasin estava responsável por cuidar e vigiar o seu pequeno irmãozinho; brincavam de “esconde-esconde”, com a menina tampando o próprio rosto para “esconder-se” do irmão (figura 5), até que ele desaparece (figura 6), sem deixar vestígios.

¹² O título desta seção faz referência a um dos subtítulos da questão 1 do livro “*Malleus Maleficarum*”.

FIGURA 5: Thomasin e Samuel brincam de “esconde-esconde” segundos antes do menino desaparecer.



Fonte: Filme “The Witch” (2015)

FIGURA 6: Thomasin percebe o sumiço de Samuel.



Fonte: Filme “The Witch” (2015)

A família, principalmente a mãe de Thomasin, a culpa constantemente pelo desaparecimento de Samuel e, aos poucos, os gêmeos Marcy e Jonas começam a levantar suspeitas acerca de sua irmã mais velha estar envolvida com temidas práticas de bruxaria. Ailton Melo e Paula Ribeiro (2021, p. 24) nos provocam a pensar sobre essa culpabilização do feminino associada a práticas de bruxaria. Afinal, qual é a relação entre mulheres e bruxaria?

Abjetas, execradas, afastadas da sociedade e punidas com tortura e morte... Evocar o termo ‘bruxa’ foi e ainda é usado como ofensa, um xingamento, uma palavra que serve para diminuir mulheres. [...] Isso porque a imagem geralmente atribuída às bruxas ao longo da história foi a de uma mulher em descompasso com o mundo, (p. 24)

Thomasin estava em descompasso com o mundo ao seu redor, afinal, como podia ela, uma mulher que foi criada em uma família católica apostólica romana, em 1630, não conseguir fazer o seu papel como cuidadora? Ela deveria cuidar de seu irmão e não deixá-lo sumir misteriosamente, por isso é culpabilizada por sua família. E, assim, aos poucos, a família camponesa mergulha em uma espiral de desconfiança, violência e paranoia, apontando para a filha mais velha como a vilã perante os acontecimentos ruins que cercam a família desde sua mudança para essa nova localidade.

A culpabilização da mulher presente no filme “A Bruxa” (2015), temporalmente localizado no século XVII, reverbera também atualmente de outras formas, como, por exemplo, nos casos de violência contra a mulher. É comum vermos que, na maioria dos casos, a vítima da violência é culpabilizada pelo crime e que esses crimes vêm crescendo no Brasil ao longo dos últimos anos.

De acordo com o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada - IPEA (2025), no Atlas da Violência 2025, o Brasil registrou o menor índice geral de violência dos últimos 11 anos; no entanto, houve um aumento no número de feminicídios: entre os anos de 2022 e 2023 aumentou em 2,5% o número de casos de homicídios femininos e cresce também o número de casos de violência contra a mulher.

Para Marisa Barreto Pires, Joanalira Magalhães e Juliana Rizza (2024), a violência de gênero está impregnada no cotidiano das mulheres. O ciclo da violência não se acaba na agressão realizada pelo namorado, marido ou companheiro, estendendo-se à culpabilização que a vítima sofre ao reportar o crime em departamentos de polícia, por exemplo. Considerando este contexto, percebemos que as relações de poder, de gênero e de sexualidade muitas vezes são naturalizadas, sancionadas e legitimadas em diferentes instâncias dos tecidos sociais e culturais.

Larocca (2021), ao utilizar as palavras de Teresa de Lauretis para compreender o cinema e suas estratégias de representação,

Propõe entender o cinema como uma estratégia discursiva e imagética pela qual o gênero é construído e operado. O audiovisual é uma das diversas instâncias que atribuem significados e constituem identidades e (auto)representações de gênero, atuando como marcadores de diferenças e semelhanças.

A construção do gênero passa, portanto, por diversas tecnologias socioculturais, como o cinema e a televisão; por discursos institucionalizados, epistemologias e práticas críticas, além de práticas culturais, políticas e sociais que têm o poder de controlar o campo dos significados sociais e produzir, promover e implantar representações. De tal maneira, o cinema é um dos discursos dominantes sobre o gênero em nossa sociedade (p. 23-24).

Ao perceber o cinema como uma estratégia discursiva e imagética pela qual o gênero é construído, salientamos a relevância de trazer a luz esse debate sobre a representação das mulheres em obras cinematográficas; afinal, o cinema retrata muitas vezes o que está presente, de uma forma ou de outra, em nossa realidade.

Outro elemento que nos chamou atenção e que também envolve a representação do feminino foi em relação à sexualidade de Thomasin, aspecto que será apresentado na próxima categoria de análise.

O corpo e a sexualidade

Além dos elementos analisados na categoria anterior, a constituição do feminino de Thomasin também é colocada em posição de vilania em relação ao seu próprio despertar sexual; a menina encontra-se na puberdade e em determinada cena torna-se objeto de desejo do próprio irmão, Caleb, que direciona o seu olhar para o colo e os seios da irmã mais velha.

Isto também não passa despercebido aos olhos da mãe da família, puritana fervorosa, que culpa Thomasin por despertar pensamentos impuros e pecaminosos em seu irmão mais novo. O comportamento da matriarca vem de encontro à associação de poderes sobrenaturais das bruxas por parte da Inquisição protagonizada pela Igreja Católica:

Um campo muito explorado, por exemplo, é o dos atos sexuais e da sexualidade das mulheres. Em muitas passagens do *Malleus Maleficarum* temos longas tentativas de justapor as ações das bruxas à malefícios ligados à sexualidade e aos chamados “atos venéreos”. Às bruxas é atribuído, por exemplo, o poder de obstrução de forças procriadoras, de modo que isso se percebe na impossibilidade de uma mulher conceber ou mesmo a interdição de um homem de realizar o ato sexual.” (Melo; Ribeiro, 2021, p. 27)

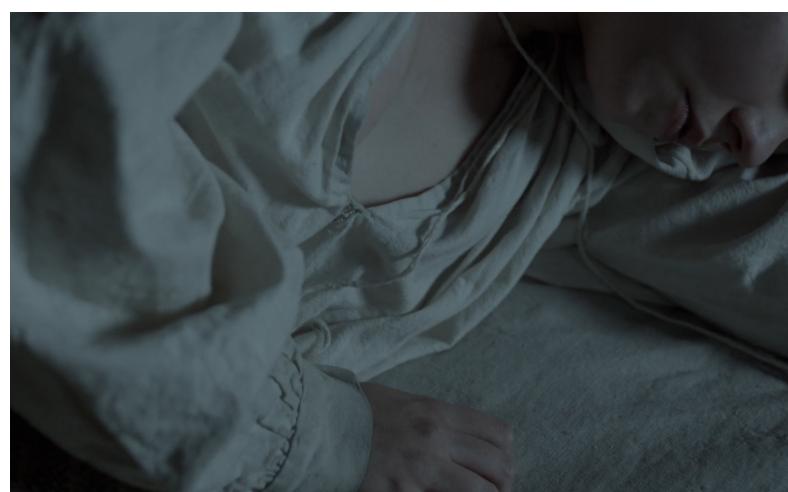
Conforme podemos perceber, às bruxas era associado o controle dos desejos sexuais masculinos. Esse fato também é possível de ser observado no filme “A Bruxa” (2015), quando o desejo de Caleb pela irmã (figura 7) não é algo que parece emergir dele, mas algo provocado por Thomasin.

FIGURA 7: Caleb observa Thomasin adormecida.



Fonte: Filme “The Witch” (2015)

FIGURA 8: Thomasin é alvo do olhar lascivo do irmão, Caleb.



Fonte: Filme “The Witch” (2015)

Nessa direção, é possível ainda dialogar com Ailton Dias de Mello (2021, p. 27), ao apontar que

Nos parece importante observar que a caça às bruxas “promovida”, e administrada a princípio pela Igreja Católica Romana como uma defesa da fé, é especialmente focada nas mulheres e em suas relações e

comportamentos. Um campo muito explorado, por exemplo, é o dos atos sexuais e da sexualidade das mulheres.

O filme, assim, evidencia como a construção da personagem como bruxa se dá atravessada pela sua sexualidade; embora seja o irmão a cobiçar Thomasin, a mãe culpabiliza a filha pelo despertar do desejo de Caleb. Ainda que Thomasin esteja dormindo e sem nenhuma intencionalidade de provocar seu irmão, é o seu corpo e a sua sexualidade que causam incômodo e preocupação, fazendo com que o irmão seja tentado, quase a ponto de pervertê-lo. Desse modo, conforme aponta Dias (2021, p. 28) “se faz importante ressaltar o modo deliberado de atribuição de culpa às mulheres por subversão da ordem original através da sexualidade”.

Através dessa passagem também podemos tecer reflexões conectando a temática aos dias atuais; olhando para as situações de abuso e violência vivenciadas pelas mulheres, deparamo-nos com discursos que, muitas vezes, culpabilizam a vítima utilizando-se de diferentes justificativas como a roupa que a mulher usava, onde ela estava, qual era o horário e quem era a sua companhia.

Ainda em relação à culpabilização das mulheres em situações de abuso e violência, existe a “Marcha das vadias”, um protesto de cunho feminista que começou nas ruas de Toronto, no Canadá, no ano de 2011, como reação à declaração de um policial em um fórum universitário, quando este alegou que as mulheres do campus poderiam evitar ser estupradas caso não se vestissem como “vadias” (Gomes; Sorj, 2014). Atualmente, essa marcha ocorre em diferentes cidades do mundo com o intuito de provocar nas populações a reflexão de que o estupro não está relacionado à roupa que a vítima está usando (Ibidem).

A partir dessas reflexões, percebemos o quanto a caça às bruxas ainda é presente nos dias de hoje e, dessa forma, nos encaminhamos para a próxima categoria de análise, que versará sobre essa aceitação: seria uma entrega ao mal ou uma espécie de libertação?

A entrega ao mal

Ao longo de seus 93 minutos de duração, “A Bruxa” (2015) apresenta mais alguns acontecimentos misteriosos e inexplicáveis perante os olhos da religiosa família, cada vez mais convencida de que a sua primogênita está envolvida com algo maligno e muito poderoso.

As suspeitas e paranoias levam, inevitavelmente, toda a família à ruína e à morte, encerrando a história com Thomasin finalmente selando um pacto com o Diabo, representado neste filme a partir da figura de um bode preto pertencente à família e que atende pelo nome de Black Phillip (figura 9).

FIGURA 9: O bode preto, Black Phillip.



Fonte: Filme “The Witch” (2015)

Por tratar-se de uma obra que faz uso de elementos muitas vezes interpretados como sobrenaturais, “A Bruxa” (2015) abre precedentes para diversas interpretações a respeito da figura de Black Philip e do acordo que o personagem propõe à protagonista, Thomasin.

Black Philip oferece à Thomasin liberdade, uma vida com riquezas em que ela poderá experienciar o gosto da manteiga, tornar-se forte, ser acolhida e pertencente a um grupo. Black Philip propõe à menina elementos que ela sempre quis e nunca teve acesso por vir de uma família com regras muito restritivas, punitivas e temerosas a Deus.

Tal cena levanta o questionamento acerca da representação da maldade: estaria ela na figura do demônio, representada pelo bode preto, ou na família da menina que nunca a tratou com carinho e que a acusou de uma série de infortúnios sem terem provas de que ela foi a causadora de tais atos?

Thomasin abraça o que foi dito e pensado sobre ela no decorrer do filme, tornando-se “a bruxa” que sua família tanto temia. O acordo selado com a entidade confere à menina uma identidade, um grupo ao qual pertencer e dentro do qual não será julgada e nem perseguida.

A última cena de “A Bruxa” (2015) mostra Thomasin levitando junto de outras mulheres em meio a um ritual, nuas, na floresta, ao redor de uma fogueira (figura 10).

FIGURA 10: Thomasin encontrando outras mulheres em meio a um ritual na floresta



Fonte: Filme “The Witch” (2015)

A interpretação que realizamos a respeito desse conjunto de cenas nos permite a compreensão de que a personagem se liberta das normas do que era esperado dela, entregando-se a novos horizontes e perspectivas. Abraçar a sua identidade de mulher-bruxa permite à Thomasin uma nova forma de existência: seria ela agora uma bruxa no sentido literal e histórico da palavra ou apenas uma mulher que se permitiu pensar por si própria após sofrer uma série de acusações e violências?

Considerações finais

A realização desta pesquisa, bem como as discussões aqui propostas, contribuem para a desnaturalização de preconceitos e de “verdades” historicamente construídas e propagadas acerca do gênero feminino. Os artefatos culturais audiovisuais têm muito a contribuir para a formação social acerca das temáticas que nele são abordadas; neste caso, sobre os significados da mulher-bruxa e também sobre a nossa história enquanto grupo que vem sofrendo com diversas formas de exclusão e violência ao longo do tempo, não somente pelas mãos da Inquisição ou de famílias extremamente religiosas, mas também na amplitude do tecido social, cujos elementos se aproximam das vivências femininas até hoje, demonstrando os seus reflexos presentes nos dias atuais, na nossa luta pela ocupação de espaços, por respeito, por nossos direitos e pelas nossas vidas.

Pode-se compreender que o cinema não se caracteriza como uma cópia, um espelho da realidade, mas que a arte atua como uma produção de sentidos e significados sobre a vida, dos acontecimentos históricos e sociais que perpassam os espaços temporais e geográficos. São múltiplos os aspectos envolvidos historicamente a cada vez que uma mulher foi acusada de praticar bruxaria por conhecer o próprio corpo ou por não querer submeter-se a um casamento arranjado, sendo queimada na fogueira como punição para os seus horrendos “crimes”. As obras cinematográficas oferecem-nos leituras próprias de seu tempo de produção e nos instigam a reflexão, a problematização de tais representações que são subjetivas e não inatas.

O cinema, como formador de pensamento, propagador de discursos e visões políticas, utiliza-se de sua pedagogia cultural para produzir ideias, para fazer emergir determinados sujeitos e para atuar ativamente na construção de currículos culturais não-escolares, incluindo as pedagogias de gênero.

Seja a madrasta má disposta a sacrificar a enteada em troca da beleza e da juventude eterna, seja a mulher sedutora e ardilosa que causa a ruína de um homem que por ela se apaixona, seja uma adolescente crescendo e se desenvolvendo sob os olhos e rédeas de uma família estritamente religiosa... Os estereótipos de gênero e de sexualidade perpassam as representações femininas no cinema e, no caso específico desta análise, as representações de mulheres-bruxas, demonstrando diversos aspectos dos controles sociais e das relações de poder as quais estamos submetidas há séculos e séculos, desde que as primeiras histórias foram contadas.

Referências

A Bruxa. Direção: Robert Eggers. Produção: Daniel Bekerman, Jay Van Hoy, Jodi Redmond, Lars Knudsen, Rodrigo Teixeira. Canadá, Estados Unidos: A24, 2015. DVD.

A Bruxa. *Adoro Cinema*. Disponível em: <https://www.adorocinema.com/filmes/filme-233854/> Acesso em: 22 ago. 2024.

BARROS, V. Demonização do feminino e misoginia a partir do movimento de caça às bruxas. *Revista Práksis*, v. 1, p. 219–237, 2024. Disponível em: <https://periodicos.feevale.br/seer/index.php/revistapraksis/article/view/3500>. Acesso em: 8 jan. 2025.

CAÚ, Maria. A Bruxa: tornar-se uma mulher livre é, ainda, tornar-se bruxa. *Delirium Nerd*. 1 nov. 2017. Disponível em: <https://deliriumnerd.com/2017/11/01/a-bruxa/> Acesso em: 22 ago. 2024.

COLLING, Ana Maria. *Tempos diferentes, discursos iguais: a construção do corpo feminino na história* – Dourados, MS: Ed. UFGD, 2014.

ELLSWORTH, Elizabeth. Modos de endereçamento: uma coisa de cinema; uma coisa de educação também. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *Nunca fomos humanos – nos rastros do sujeito*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. p. 9-76.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina (2008). Uma introdução aos Estudos Culturais. *Revista FAMECOS*, 5(9), p. 87-97.

FERNANDES, W. R., & SIQUEIRA, V. H. F. de. (2010) O cinema como pedagogia cultural: significações por mulheres idosas. *Revista Estudos Feministas*, 18(1), 101-120.

HISTÓRIA DO CINEMA: CONFIRA ESTE GUIA E SE DESTAQUE. *Academia Brasileira de Cinema*. 25 ago. 2020. Disponível em:
<https://www.aicinema.com.br/historia-do-cinema-confira-este-guia-e-se-destaque/>
Acesso em: 22 ago. 2024.

GOMES, Carla; SORJ, Bila. Corpo, geração e identidade: a marcha das vadias no Brasil. Soc. estado. 29 (2) Ago 2014. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/se/a/M3nBJJtyMYm4qd4TQdGpryR/> Acesso em 06 jun. 25

KRAMER, Heinrich; SPRENGER, James. *O martelo das feiticeiras*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2023.

LAROCCA, Gabriela Müller. *Do Malleus Maleficarum ao Cinema de Horror: A tradição do mal feminino e da mulher-bruxa em filmes da década de 1960*. 2021. 395 f. Tese (Doutorado) – Curso de História, Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2021.

LAROCCA, Gabriela Müller. A Representação do Mal Feminino no Filme A Bruxa. *Revista Gênero*. V. 19, n. 1, p. 88-109, 2018.

LOPES, Marisa. Para a história conceitual da discriminação da mulher. *Cadernos de Filosofia Alemã: Crítica e Modernidade*, n. 15, p. 81–96, 2010. Disponível em:
<https://www.revistas.usp.br/filosofiaalema/article/view/64831..> Acesso em: 5 fev. 2025.

MALAR, João Pedro. Elenco de ‘Abracadabra’ irá se reunir em especial de Halloween. *Estadão*, São Paulo, 19 out. 2020. Disponível em:
<https://www.estadao.com.br/emails/gente/elenco-de-abracadabra-ira-se-reunir-em-especial-de-halloween/> Acesso em: 22 ago. 2024.

MELO, Ailton Dias de; RIBEIRO, Paula Regina Costa. Bruxas, perigosas e desordeiras – a mulher e a culpa na inquisição. *Revista Diversidade e Educação*. v. 9, n. Especial, p. 21–48, 2021. Disponível em: <https://www.repository.furg.br/handle/123456789/10692> acesso 06 jun. 2025

MYARA, Julia. *Deusas, bruxas e feiticeiras: histórias de quando deus era mulher*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2024.

OLIVEIRA, D. A. de., & FRANGELLA, R. de C. P.. (2022). Apresentação do dossiê: Currículos culturais não escolares: sobre um campo em constante expansão, invenção e criação para afirmação da vida. *Série-Estudos - Periódico do Programa de Pós-Graduação em Educação da UCDB*, 27(61), 3–12. Disponível em <https://www.serieestudos.ucdb.br/serieestudos/article/view/1774>

PAIXÃO, Ana Cláudia. A inspiração para a Rainha Má. *Miscelana*. 17 mar. 2021. Disponível em: <<https://miscelana.com/2021/03/17/a-inspiracao-para-a-rainha-ma/>> Acesso em 22 ago. 2024.

PIRES, Marisa; MAGALHÃES, Joanalira; RIZZA, Juliana. Os fios que tecem a rede lilás no enfrentamento à violência contra as mulheres em um município do extremo sul do rio grande do sul. 2024. 167 f. Tese (Doutorado em Educação em Ciências) - Instituto de Educação, Universidade Federal do Rio Grande-RS, Rio Grande, 2024.

ROSSATO, Leonardo Barbosa. *História do Cinema e do Audiovisual*. Brasília: Editora IFB, 2019.

W8DDLIX. A bruxa malvada do Oeste – *O mágico de Oz (1939) Fantasia, cena HD*. YouTube. 21 mai. 2023. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?app=desktop&v=o_qC18ZxjYw Acesso em: 22 ago. 2024.

Recebido em maio de 2025.

Aprovado em junho de 2025.